



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 2/2014
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2014**

*“Nos termos do art.º 56.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro,
as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado
durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em
vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das
decisões”.*



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata n.º 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2014

LOCAL - Sala das Sessões dos Paços do Município-----

DATA -25 de abril de 2014-----

INICIO - dez horas e trinta minutos-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - José Duarte Pereira..... PS

1.º SECRETÁRIO - Adelino da Costa Pinto..... PS

2.ª SECRETÁRIA - Mafalda Sofia Mendes Azenha..... PS

MEMBROS - Mário João Menezes Paiva PS

Vítor Frederico da Silva Figueiredo Pais SOMOS FIGUEIRA

Ana Margarida Pinto da Cunha PS

José Manuel Pereira da Costa SOMOS FIGUEIRA

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia PS

Fausto Fernando Santos Loureiro PS

João Gomes Lopes SOMOS FIGUEIRA

Silvina da Silva Fonseca Anadio de Queiroz CDU

Luís Manuel Mendes Ribeiro PS

Teotónio Paulo de Jesus Cavaco SOMOS FIGUEIRA

Ana Raquel Mendes Correia..... PS

Vânia Isabel Duarte Batista SOMOS FIGUEIRA

João Filipe Carronda da Silva Antunes PS

José Augusto Fernandes Mateus PS

Carlos Manuel da Silva Rabadão SOMOS FIGUEIRA

Maria Adelaide Gaspar Gonçalves CDU

Maria Isabel Cardoso Guardão Tavares PS

Mário da Silva Esteves SOMOS FIGUEIRA

Fernando Miguel Gonçalves Pereira PS

Maria Isabel Gaspar Ferreira de Sousa SOMOS FIGUEIRA

João Paulo Águas Tomé Ferreira dos Santos BE

Natália Jerónimo Pires..... SOMOS FIGUEIRA

Mário Alberto Gomes Oliveira..... CDU

Celso Fernandes de Moraes..... SOMOS FIGUEIRA

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Bugalho da Silva PS

(Alqueidão) Luís Miguel Martins Bento PS

(Bom Sucesso) Mário Fajardo Acúrcio INDEPENDENTE



(Buarcos)	José Manuel Matias Tavares	PS
(Ferreira-a-Nova)	Susana Maria Rodrigues Oliveira Monteiro	PS
(Lavos)	José Elísio Ferreira de Oliveira	INDEPENDENTE
(Maiorca)	Filipe Humberto Mateus Dias	SOMOS FIGUEIRA
(Marinha das Ondas)	Manuel da Conceição Rodrigues Nada	PS
(Moinhos da Gândara)	Paulo Manuel Querido Rodrigues	SOMOS FIGUEIRA
(Paião)	João Paulo Gonçalves Pinto	PS
(Quiaios)	Maria Fernanda Marques Lorigo	PS
(São Pedro)	António Samuel Pereira Matias	PS
(Tavarede)	Victor Manuel dos Santos Madaleno	PS
(Vila Verde)	Vítor Manuel Gonçalves Alemão	PS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

SUBSTITUIÇÕES

Ana Elisabete Laborda Oliveira por Celso Fernandes de Morais.-----

JUSTIFICAÇÃO DE FALTAS

Ana Elisabete Laborda Oliveira.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Senhor Presidente da Câmara, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Quiaense, Senhores elementos do Coral David de Sousa, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do quadragésimo Aniversário da Revolução do 25 de Abril."-----

De seguida a Filarmónica da Sociedade Filarmónica Quiaense tocou o Hino da Cidade da Figueira da Foz.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Dou a palavra ao orador convidado António Augusto Menano."-----

ANTÓNIO AUGUSTO MENANO: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Quiaense, Senhores elementos do Coral David de Sousa, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Começarei por dizer um excerto de um poema de Sérgio Godinho:-----

«...Esquece-se muita coisa-----



à força de ver caras novas não sei se me lembro das antigas-----
Embora as veja tão bonitas e disponíveis na memória-----
E por vezes em fotografia...».-----
No fundo o que o nosso poeta está a dizer é que se a figura se cumpre no
figurado, muitas vezes restam apenas os nomes das coisas.-----
Mas toda a memória repousa no sangue como modificação sensível.-----
E assim começo estas breves palavras por recordar alguns amigos e professores
sempre presentes - José Rafael Sampaio, professor, exilado político, democrata,
fundador local do Partido Popular Democrático; Cristina Torres dos Santos,
professora, expulsa pelo Estado Novo do ensino oficial, presente na mesa do
primeiro Comício na legalidade na Figueira da Foz o Partido Comunista Português
e mais tarde do Partido Socialista, Cerqueira da Rocha, advogado, primeiro
Presidente da Câmara Municipal por escasso tempo, militante do Movimento
Democrático Português antes do 25 de abril, depois membro do Partido Socialista
que viria a abandonar; Marques Lima Viana, Presidente da Câmara Municipal pós
revolução, Agostinho Saboga, longos anos preso político, militante do Partido
Comunista Português, operário, responsável na clandestinidade da imprensa
partidária; Joaquim Namorado, poeta, inventor/autor do termo neorealismo,
impedido de lecionar pelo fascismo, professor universitário em tempo de
liberdade, militante do Partido Comunista Português, membro da Assembleia
Municipal.-----
Muitos outros poderia recordar, mas todos vós deles se lembrarão. E é importante
que nós exercitemos a memória a não nos esquecermos daqueles que nos
antecederam e que tanto lutaram pela Liberdade.-----
Entre os vivos seja-me permitido citar Luis de Melo Biscaia, advogado em cujo
escritório tantas reuniões da oposição democrática ocorreram, no silêncio da
noite, deputado pelo Partido Popular Democrata à Assembleia Constituinte,
posteriormente pelo Partido Socialista de que foi Vereador.-----
Minhas Senhoras e meus Senhores, hoje no quadragésimo aniversário do 25 de abril
digo-lhes os nomes. Passo a um exercício de memória no dia em que utilizando a
terminologia de Carlos Ary dos Santos «abril abriu-nos as portas» no Mar Alto,
(para quem não sabe Mar Alto era um semanário que havia na Figueira que era
feito por meia dúzia de carolas na sua maioria contra o estado vigente).-----
No Mar Alto elaboramos um número especial saudando a «Revolução dos Capitães».
Apenas eu me encontro vivo daqueles que escreveram as palavras que depois de



impressas deram corpo ao Jornal. Mas é preciso referir esses hoje esquecidos: António Jorge da Silva; Leitão Fernandes Sousa Cardoso. Felizmente alguns dos tipógrafos, à época muito novos, ainda estão entre nós. E as páginas impressas foram distribuídas pela Cidade e coladas nas paredes, premonitórias da festa coletiva que foi o primeiro 1.º de maio em Liberdade.-----

Façamos aqui um parênteses para comparar com o que aconteceu em Coimbra. Em Coimbra foi que no dia 25 de abril Coimbra ainda não tinha aderido à Revolução, ou seja, os Quartéis de Coimbra só aderiram no dia 26. É lido na Emissora Nacional um comunicado feito pelo Governador Civil da época, lido por um locutor que todos nós respeitamos, em que exortava e apoiava Marcelo Caetano. E esse comunicado foi colado nas paredes de Coimbra. Nas paredes da Figueira da Foz foi colado o Mar Alto que nós tínhamos escrito a saudar a Liberdade.-----

Da Figueira da Foz partiu a coluna militar comandada por Dinis de Almeida que viria a libertar o Forte de Peniche. Para além de Dinis de Almeida ia também o Capitão Rodrigues e o Capitão António Ferreira do Amaral de Viseu. Aliás o Quartel de Viseu tinha-se sublevado juntamente com o da Figueira da Foz e o de Coimbra tinha ficado quieto. Um facto curioso é que os pides que ocupavam a Fortaleza de Peniche não se renderam, e então o Capitão Rodrigues e o Capitão Dinis de Almeida cercaram o Forte com uma companhia de obuses até eles se renderem. Desculpem esta interrupção histórica, porque isto é História.-----

Referente à Figueira da Foz, existe uma reportagem fotográfica da autoria de Jorge Dias Miliciano. A sua edição em livro constituiria um documento valioso como parte da História, da época da História Local.-----

Minhas Senhoras e meus Senhores passaram-se 40 anos, os três Ds - Descolonizar, Democratizar e Desenvolver - anunciados no Programa do Movimento das Forças Armadas, não ficaram plenamente gravados na mente de todos nós.-----

É que entre o «dizer» e o «fazer» a distância reside na vontade de quem pode. O seu significado, como o de Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução Francesa, não foi universal.-----

Os desígnios mais nobres sofrem, por vezes, assimetrias, rasuras, alterações. O desenvolvimento não tem sido para todos, e se não tiver em conta as pessoas, poderá ser fator de enriquecimento para uns e de empobrecimento para outros.-----

Estamos aqui para celebrar os 40 anos que nos libertou de dezenas de anos de obscurantismo, opressão e afastamento do Mundo. Fazê-lo em Liberdade é a nossa maior riqueza.-----



Leio um poema de Sofia Melo Breiner Anderson, intitulado «25 de Abril»:-----
«Esta é a madrugada que eu esperava-----
O dia inicial inteiro e limpo-----
Onde emergimos da noite e do silêncio-----
E livre habitamos a substância do tempo»-----
Seria o início de tempos novos, limpo, sem noites de medo, em que os dias
tomariam uma nova forma solidária e humana, que a todos convocasse para uma
realidade sem enganos e dores.-----
Queríamos construir o Futuro, acabar com o Medo, a Pobreza, as Desigualdades.
Desejamos apagar quem mentia, dar água a quem tinha sede, pão a quem tinha fome.
Foi Jesus Cristo quem ensinou «Ganharás o pão com o suor do teu rosto». Não
disse «Ganharás o pão com o suor do rosto dos outros».-----
Marx disse-o também e aprofundou o significado da palavra «exploração».-----
Dar voz a quem não a tinha, abrir no horizonte um campo onde as palavras fossem
de fraternidade e solidariedade e iniciar-se um novo ciclo sem inquisições
várias e despotismos. Uma sociedade assente na igualdade, na dignidade humana,
era o sonho, o desejo, o projeto.-----
E as conquistas surgiram na saúde, na educação, no campo social. Queria-se uma
sociedade socialmente mais justa.-----
Passaram-se 40 anos. Assistimos a uma crise económica e financeira, ao
ajustamento forçado nas áreas mais diversas, atingindo os mais fracos, ao
desemprego de longa duração que atinge 50% dos desempregados, ao esmagamento
financeiro da classe média, à emigração acelerada de mais de 100.000
portugueses, entre os quais dezenas de milhares de jovens qualificados, como
nunca o nosso país possuiu, à incapacidade das famílias pagarem os seus
encargos, mesmo alguns dos mais básicos, ao encerramento de escolas e outros
serviços públicos, ao aumento de impostos, ao desmantelamento dos direitos do
trabalho, à diminuição das aposentações e reformas, ao aparecimento da fome, aos
cortes na assistência a crianças diminuídas, etc., etc...-----
Tudo em nome da Austeridade. Uma austeridade com sentido único, uma austeridade
comandada pelo exterior.-----
Já vivi anos suficientes para ter atravessado melhores e piores épocas, mas
continuo a acreditar na nossa melhor riqueza, os seres humanos, o Povo. Na sua
vontade, na sua força, na força do seu trabalho, no seu querer. Creio na
dimensão humana, na dimensão social e política da Democracia, acredito não ser



impossível alterar a situação dos mais de dois milhões de portugueses em risco de pobreza.-----

Valter Hugo Mãe, um escritor contemporâneo que ainda esteve aqui há cerca de 15 dias a lançar um livro nesta mesma sala, escreveu «... No tempo em que somos todos bons homens a culpa tem de atingir os inocentes...», também disse «... O Silva da Europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho...» e continuou «... somos todos Silvas neste país...». Ou seja, isto agora digo eu, depois das especiarias do Oriente, do Ouro do Brasil, veio o euro, palavras, palavras. Às vezes poderá perguntar-se para quê?-----

Neste momento, não podemos ser democratas precários, dia sim, dia não, desta nossa vil tristeza e dependentes, ausentes, desinteressados, egoístas. A altura de chorar poderá caber a todos, e acredito que ninguém o deseja.-----

E agora vou meter uma bucha, que não era para meter.-----

Em 1961 eu publiquei o meu livro de estreia que se chamava «Tempo de Voar» e abria com este poema:-----

«É preciso pensar nos desejos pendentes-----

nas vozes, nas fontes, nas faces das gentes-----

É preciso amar um bocado de cobre chamado tostão-----

com que tantas vezes se ofende um irmão-----

É preciso querer ao silenciar de rua-----

Que encham a rua-----

É preciso, é urgente ter o tostão-----

na palma da mão-----

É preciso, é urgente acabar-----

Com quem mente-----

É preciso, é urgente ser Gente.»-----

Escusado será dizer que este livro publicado em 1961 provocou-me algumas chatices, entre as quais, chamarem-me da Universidade, interromperem-me o Curso e mandarem-me para a Tropa. Mas isso são outras histórias.-----

A palavra, o grito, a senha será defendermos abril. Não puxemos de lenços, também eles descartáveis, e vamos limpar as lágrimas. Assim todos devemos querer. Por isso aqui estamos. Acredito que sim.-----

Viva o 25 de Abril!-----

Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante da Associação 25 de



Abril, Coronel Carlos Cachulo Costa.”-----

CORONEL CARLOS CACHULO COSTA: “o Coronel Vasco Lourenço, Presidente da Associação 25 de Abril, delegou-me a representação nesta cerimónia, e pediu-me para transmitir a sua mensagem, com a qual me revejo na sua plenitude, e que passo a ler:-----

«Passados 40 anos depois da madrugada que deu origem a “o dia inicial inteiro e limpo/onde emergimos da noite e do silêncio/e livres habitamos a substância do tempo” qual o tempo que hoje nos é dado?-----

Cada dia que passa, assistimos à destruição do positivo que foi construído, em resultado da ação libertadora de há 40 anos!-----

O país está vendido, em grande parte e a pataco, ao estrangeiro!-----

A emigração de muitos portugueses consuma-se, levando consigo muito do saber e da capacidade indispensáveis à desejada recuperação de Portugal!-----

Os roubos permanentes a que os portugueses são sujeitos, da parte dos que deviam protegê-los e prover pelo seu bem-estar estão a destruir a esperança no futuro!-

A ausência de uma justiça igual para todos provoca o descrédito do que deveria ser um Estado de Direito!-----

Os detentores do poder assumem-se, cada vez mais, como herdeiros dos vencidos em 25 de Abril de 1974!-----

As desigualdades, consumadas no aumento do enriquecimento dos que já têm tudo e no cada vez maior empobrecimento dos mais desfavorecidos, transforma a nossa sociedade num barril de pólvora que apenas será sustentável numa nova ditadura opressiva, com o desaparecimento das mais elementares liberdades.-----

O medo, pelo futuro, cada vez mais, propaga-se em variados setores da sociedade! Como há já alguns anos, manifestamos a nossa indignação face aos acontecimentos que se estão vivendo em Portugal e configuram, sem a menor dúvida, um enorme e muito grave descrédito dos representantes políticos, um logro à confiança dos cidadãos e um desprestígio para o nosso País.-----

A Democracia baseia-se num pacto social, onde os cidadãos elegem os que consideram os mais indicados para gerir os assuntos públicos e para os representar durante um período de tempo previamente acordado.-----

A Democracia não é, nem pode ser jamais, a concessão a uns quantos de uma patente de pilhagem para se enriquecerem durante quatro anos ou mais!-----

A Democracia tem o seu fundamento na confiança que os representados têm nos seus representantes e na lealdade destes perante quem os elegeram.-----



Quando essa confiança é traída e essa lealdade desaparece, o prestígio e a legitimidade moral da classe política desmoronam-se e o cimento da Democracia apodrece.-----

Tudo isto tem-se agravado, cada ano que passa.-----

Porque continuamos a considerar que a antecâmara do totalitarismo surge quando num Estado de Direito a classe política perde o seu prestígio, porque se transforma numa espécie de casta que deixa de servir os interesses de todos para servir apenas os seus próprios interesses.-----

E, porque queremos lutar pela manutenção da Democracia, que apenas será viável pela reafirmação dos valores de abril, proclamamos a imperiosa necessidade de: Assunção de um compromisso nacional na defesa e manutenção do Estado Social que legitimamente satisfaça as necessidades básicas, erradique a pobreza “vergonha de nós todos”, e abra um caminho de esperança e de luz para o setor mais desprotegido da sociedade portuguesa que lhe possibilite o acesso à formação, educação e emprego.-----

Assunção de um compromisso nacional para a promoção de um duradouro programa de educação e investigação científica, para qualificação dos jovens nas áreas fundamentais da globalização.-----

Assunção de um compromisso nacional para a promoção de um programa duradouro do sistema judicial, de forma a tornar a justiça mais célere e mais próxima dos cidadãos, sem discriminação entre pobres e ricos.-----

Assunção de um compromisso nacional duradouro de um programa de emprego agregador e integrador dos vários saberes e competências acumuladas, que incentive o regresso de milhares de “cérebros” forçados à emigração, que incorpore jovens licenciados, agregue adequados programas de formação para jovens que abandonaram os estudos, e para trabalhadores ativos que necessitem atualizar e melhorar saberes e competências.-----

Assunção de um compromisso nacional e duradouro de um programa de desenvolvimento económico sustentável à adoção dos objetivos enunciados para a manutenção do Estado Social e dos programas de educação, justiça e emprego.-----

O governo e a cobertura que lhe é dada pelo Presidente da República protagonizam os fatores do “estado a que isto chegou” razão pela qual não serão eles a quem possa continuar a confiar-se os destinos de Portugal.-----

Torna-se, por isso, urgente uma ampla mobilização nacional para sermos capazes de aproveitando as armas da Democracia mostrar aos responsáveis pelo “estado a



que isto chegou” um cartão vermelho, que os expulse de campo!-----
Temos de ser capazes de expulsar os “vendilhões do templo”!-----
Os desmandos e a tragédia da atual governação não podem continuar!-----
Igualmente, temos de ser capazes de retornar às Presidências de boa memória de
Ramalho Eanes, Mário Soares e Jorge Sampaio!-----
O 25 de abril foi libertação e festa, passou por participação e desenvolvimento,
mas passou também por retrocesso e desilusão, fruto da corrupção e esbanjamento.
Hoje sofre revanchismo, roubo e destruição.-----
Que se consubstancia em despudorados ataques à saúde pública, à educação, à
segurança social, ao direito ao trabalho, ao direito a uma velhice sossegada, e
aponta para o fim das liberdades, da soberania e da democracia.-----
Temos de ser capazes de ultrapassar os sectarismos, temos de ter a capacidade
de, contrariamente ao que normalmente acontece, e reconhecer o inimigo comum,
mesmo antes de sermos totalmente derrotados.-----
Vencendo o conformismo, temos de ser capazes de resistir de novo, reconquistar
as utopias, arriscar a rebeldia e renovar a esperança!-----
Recolocados os valores da madrugada libertadora, nessa altura, vencido o medo,
poderemos então retomar a esperança de continuar a construir abril!-----
Viva Portugal!-----
Viva o 25 de Abril!»-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado João Paulo Tomé.-----
JOÃO PAULO TOMÉ: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Deputados
Municipais, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores,
Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----
Aproveito esta data - 40 anos do 25 de Abril de 74 - para fazer uma espécie de
desabafo e dizer a todos o que me vai na alma.-----
Começo a estar perigosamente farto de andar integrado em comemorações e eventos
já quase vazios de conteúdo, misturado com algumas pessoas para as quais o 25 de
Abril foi apenas uma data que pouco ou nada lhes diz e com significado quase
nulo ou totalmente deturpado.-----
De 23 a 30 do passado mês de março, fui cumprir uma missão de Saúde Pública a
Moçambique e visitar locais e pessoas com muito significado para mim, e para o
25 de Abril de 74.-----
Relembrei os tempos passados em meados dos anos 50 durante os quais comecei a
forjar algumas ideias (muito pouco recomendáveis para a época), não só pelo



contacto muito direto com pessoal africano, como um pouco mais tarde na Casa dos Estudantes do Império na rua Dona Estefânia em Lisboa, até aos anos de 69/70 em Coimbra.-----

Resumindo, as minhas ligações aos ideais dos Movimentos de Libertação das ex-colónias e aos ideais que levaram ao surgimento do MFA, começaram muito cedo, de tenra idade.-----

Entre muitos, permitam-me que cite Pedro Pires (PAIGC), Samora Machel (FRELIMO) e Salgueiro Maia (MFA), como pessoas que me deram a honra de algum grau de convívio pessoal.-----

Na verdade, todos nós, aqueles que de alguma forma foram mais ou menos resistentes e/ou mais ou menos combatentes pelos ideais da Liberdade, Igualdade, Fraternidade, sentirão um certo grau de nostalgia que poderá, em alguns casos, até chegar à revolta.-----

A verdade não pode ser escondida ou mascarada:-----

Uma em cada 4 pessoas é pobre, um número que cresceu 25% em 4 anos, com aproximadamente 2 milhões de cidadãos a viverem atualmente com 409 euros por mês. A taxa de pobreza cresceu de 21,3% em 2011 para 24,7% em 2012.-----

Segundo a DECO, em 3 anos registou-se um crescimento de 15 por cento nas famílias que não conseguem pagar a conta da luz e de 30 por cento no caso do gás, 3 em cada dez pessoas não conseguem pagar a conta da luz.-----

Números da OCDE, já de 2014, revelam que o desemprego aumentou mais do dobro do que na média europeia e num cenário em que mais de metade dos desempregados não recebe qualquer apoio social, são perto de 350 mil os que se encontram em situação de pobreza.-----

Caras amigas e amigos. Independentemente de ideário político, peço-vos que tenham um minuto de reflexão profunda e, mesmo que não os tenham conhecido pessoalmente, lembrem-se de todos os que tiveram que fugir do País para não serem presos, de todos os que foram presos e, talvez mais importante, de todos aqueles que doaram a vida para que o 25 de Abril de 74 se pudesse realizar.-----

Valeram a pena todos esses sacrifícios? É claro que sim!-----

Pela Liberdade de podermos hoje estar aqui, a dizer isto publicamente sem receio de ser preso. Pela Igualdade de direitos e oportunidades que estabelecemos na Constituição. Pela Fraternidade intergeracional do Estado Social que criamos.---

Mas será que estamos a honrar e merecer esses mesmos sacrifícios? Parece-me que não!-----



Porque a Liberdade está cada dia mais restringida. Porque a Igualdade de direitos e oportunidades será apenas uma miragem a curto prazo. Porque a Fraternidade intergeracional do Estado Social está moribunda.-----

Neste momento, se não pararmos e refletirmos sobre isto, estamos a preparar o solo para que uma qualquer semente extremista daninha (da direita ou da esquerda) crie raízes, floresça e possa vir a dar um fruto qualquer que irá envenenar o futuro dos nossos filhos e/ou netos.-----

Mas porque ainda vale a pena, não se enganem, nem se deixem enganar pelos atuais profetas da desgraça da dívida pública e do deficit! Defendam e honrem as mulheres e os homens que nos deram as conquistas de abril 74.-----

NÃO DEIXEM MORRER ABRIL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada Silvina Anadio Queiroz.-----

SILVINA ANADIO QUEIROZ: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Deputadas e Deputados Municipais, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Vereadoras e Vereadores da Câmara Municipal, Exm.º Senhor Augusto Menano, Exm.º Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares, Paramilitares e Religiosas, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Convidadas e Convidados, Exm.ºs Representantes da Comunicação Social, Digníssimos Membros da Filarmónica Quiaense, Caros Companheiros do Grupo Coral David de Sousa, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Comemorar o 25 de Abril hoje, é, antes de mais e no atual contexto de brutal ofensiva contra as suas conquistas, travar uma batalha pela verdade histórica quanto ao seu significado, aclarando memórias e fornecendo às gerações mais jovens, nascidas no pós-Revolução, informação autêntica, que venha contrariar o apagamento que paulatinamente se vai fazendo sobre o que foi o 25 de Abril de 1974, suas razões e seus propósitos, contrariando assim o branqueamento da história no que ao fascismo diz respeito. Muito se tem distorcido o significado da Revolução como ato e processo da história contemporânea, encetando-se, aliás, reencetando-se, um ataque determinado à Constituição da República, lei estruturante da Nação e que, malgrado sete revisões castradoras dos princípios exarados na sua primeira versão de 2 de abril de 1976, mesmo assim, dizia, continua a consagrar, no essencial, a proteção dos cidadãos em termos de direitos e garantias.-----

Neste momento, pois, em que celebramos os 40 anos da Revolução de 25 de Abril,



permitam-nos que desta tribuna prestemos homenagem aos valorosos militares de abril, aqui representados pela Associação 25 de Abril, em primeiro lugar, e logo após, aos Constituintes responsáveis pela construção da Lei Fundamental do País. Claro que englobamos nesta homenagem todo o Povo Português que, de imediato, abraçou a Revolução, gritando de alívio e felicidade no raiar dessa manhã libertadora, há 40 anos atrás.-----

A Revolução de abril, realização histórica do povo português, ato de emancipação social e nacional, constitui um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal.-----

Culminando uma longa e heroica luta, a Revolução pôs fim a 48 anos de ditadura fascista e realizou profundas transformações democráticas - políticas, económicas, sociais e culturais - que, alicerçadas na afirmação da soberania e independência nacionais, abriram a perspetiva de um novo período da história dos trabalhadores e do povo.-----

Os grandes valores da Revolução de abril criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e projetam-se como realidades, necessidades objetivas, experiências e aspirações, a concretizar, de facto, no futuro democrático de Portugal.-----

Hoje, ensombrando a nossa genuína alegria pela comemoração de tão significativa data, está a perfeita noção de que Portugal vive um dos mais graves e dolorosos períodos da sua longa história de mais de oito séculos. Seguramente, o mais difícil desde o fim dos negros tempos do fascismo, pela mão do governo mais à direita, mais ideologicamente marcado, que tivemos desde então. Este é um período de afrontoso conflito com o que abril representou de conquista, transformação, realização e avanço, de total confronto com as alegrias e esperanças que as portas de abril abriram ao nosso povo.-----

O País vive uma grave e profunda crise económica e social, encontrando-se subjugado a uma inaceitável intervenção externa que agride a sua inalienável soberania e põe em risco a independência nacional. Este Pacto de Agressão, negociado e subscrito pelo Partido Socialista, Partido Social Democrata e CDS - Partido Popular, com a cumplicidade do Presidente da República e o apoio dos grandes interesses do capital, fere a liberdade do povo português, empobrece o País, empurra para o desemprego e para a emigração milhares de portugueses, subverte a Constituição da República e põe em causa o futuro coletivo do País e dos portugueses, que ansiamos ver assegurado e protegido.-----

Nos 40 anos de abril, os principais responsáveis políticos pela crise que



brutalmente atinge a generalidade dos portugueses – mas particularmente os trabalhadores, os reformados, os jovens, as mulheres, os pequenos empresários, em confronto com o despudorado enriquecimento dos mesmos de sempre – bem poderão tentar negar com hipocrisia, mentira e falsificação da história o que abril foi e o que significou. Continuam a acenar com uma demagógica salvação vinda de uma União Europeia dita solidária, mas, de facto determinada pelo federalismo, o neoliberalismo e o militarismo, pelo capital transnacional e sob a férrea condução do Diretório das grandes potências, comandado pela Alemanha, visando a exploração e a opressão dos povos e países da Europa. Nos últimos tempos têm-se multiplicado iniciativas, amplamente divulgadas pela comunicação social, em que o “prato forte” são as inverdades sobre a ditadura de Salazar e Caetano, sobre o fascismo e o colonialismo, sobre a luta dos antifascistas e patriotas, sobre o heroico combate dos comunistas, sobre a Revolução e os militares do Movimento das Forças Armadas! Chegou-se ao ponto de um cidadão português, com elevadas responsabilidades em Bruxelas, de seu nome José Manuel Durão Barroso, vir opinar, “candidamente”, sobre as virtudes do sistema educativo do fascismo! A este respeito e passados cinco escassos dias sobre a Páscoa, atrevemo-nos a dizer: “Perdoai-lhes Senhor, porque sabem o que fazem!”-- Para os comunistas portugueses a história não acaba aqui. Então, porque as conquistas políticas, económicas, sociais e culturais de abril representaram, e continuam a representar, importantes direitos e avanços, comemoramos abril lutando contra as políticas de regressão social e de extorsão, que apenas visam aprofundar a exploração, roubar direitos, em síntese, diminuir as hipóteses de alguma qualidade de vida dos cidadãos.-----
Porque abril trouxe o fim da guerra colonial, a oposição à pilhagem do capital estrangeiro e a afirmação da soberania e independência nacionais, comemoramos abril afirmando esse direito e lutando contra o Pacto de Agressão, trabalhando no sentido do estabelecimento da paz e da amizade entre todos os povos e nações, contra as agressões do imperialismo no mundo.-----
Porque abril nos deu a liberdade, comemoramo-lo lutando contra o obscurantismo, o populismo e os objetivos antidemocráticos que querem pôr em causa a democracia política de abril e uma mais justa repartição da riqueza.-----
Os trabalhadores e o povo português, que tão heroica e tenazmente vêm resistindo à brutal ofensiva da *troika* nacional e estrangeira, comemoram os 40 anos da Revolução afirmando os seus valores e dizendo **Não** aos projetos de opressão,



exploração e roubo da dignidade do nosso povo e da nossa pátria.-----
Estas comemorações de abril têm de ser um tempo e um momento de afirmar nas ruas e no todo nacional a indignação e recusa pelo que está a acontecer ao nosso povo e ao País, um momento de resistência e luta contra esta ofensiva que visa, no essencial, “ajustar contas” com abril, agredindo a democracia, a liberdade, a paz e o desenvolvimento, direitos inalienáveis deste Povo.-----

As celebrações têm de ser ainda um tempo e um momento para a convergência e unidade dos patriotas, dos homens e mulheres íntegros, dos trabalhadores e do povo, em defesa do valores do 25 de Abril, em defesa da Constituição da República e de exigência de rutura com as políticas de atrofiamento do País e dos mais frágeis dos seus filhos e também de afirmação de políticas verdadeiramente alternativas, verdadeiramente patrióticas.-----

Apelamos a todos os homens e mulheres de Portugal, à juventude, a todos os democratas e patriotas, aos que consideram que a pátria não se vende, aos que repudiam a exploração e a opressão, aos que defendem valores solidários, fraternos e patrióticos, para que, pela sua coragem, a sua vontade, a sua voz e a sua luta, mantenham vivos os Valores de abril, de modo a que estes se projetem, consolidem e desenvolvam no futuro de Portugal.-----

Viva a Revolução de abril!-----

25 de Abril sempre, fascismo nunca mais!-----

Viva Portugal!”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Teotónio Jesus Cavaco.-----

TEOTÓNIO JESUS CAVACO: “Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Excelentíssimos Senhores Vereadores, Excelentíssimos Senhores Presidentes de Junta, Entidades Cívicas, Militares, Para Militares e Religiosas, Caros Companheiros Deputados da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Caras Senhoras e Caros Senhores.-----

À pergunta clássica «...onde estavas no dia 25 de abril de 1974?!...», costumo responder que tinha 7 anos, quase 8, vivia em Angola há quase três anos, para onde tinha ido com os meus pais, e que me lembro perfeitamente de, ao chegar da Escola, achar curioso ver os «chefes de família» reunidos informalmente, à porta do quintal do meu vizinho, parecendo simultaneamente inquietos mas aliviados, combinando quem iria ao aeroporto (da então Nova Lisboa) saber novidades...-----
Nos meses seguintes, fui percebendo que as constantes permanências do meu pai



junto ao rádio para ouvir os discursos que eram proferidos na Metrópole ditavam um crescente desconforto em relação ao futuro próximo, curiosamente sempre acompanhado de um otimismo que, para muitos dos que conosco conviviam, contribuíram para uma inatividade tão característica do nosso Povo, talvez legitimadora da autocracia dos 48 anos anteriores.-----

Era provavelmente demasiado novo para me aperceber do total alcance das mudanças radicais que essa madrugada trouxe, mas fui percebendo, nos meses seguintes, que o processo histórico que vivíamos trazia luta, mudança, incerteza, mas, sobretudo, Liberdade...-----

Passados 40 anos, somos hoje convocados, formalmente, para a comemoração de um processo histórico sobre o qual não há (nunca haverá?) unanimidade de denominação: «golpe de Estado»? «Revolução»? «Ação revolucionária»? Tudo isto e talvez muito mais, dado o impacto que estes dias tiveram por essa Europa fora, sendo um precioso estímulo, por exemplo, para os opositores ao regime militarista conservador grego e para os defensores da democratização espanhola, para além das alterações que potenciou na situação política da África Austral, e como tal, influenciando os últimos anos da Guerra Fria.-----

Proponho humildemente, então, que nos próximos breves minutos reflitamos acerca do que viemos, formalmente, comemorar, porque viemos comemorar, como e para quê o podemos fazer.-----

O que comemoramos? - O ACONTECIMENTO.-----

Na madrugada de 25 de abril de 1974, o regime ditatorial que vigorava desde 1926 agonizava, vergado sob o problema de uma guerra ultramarina colonial que continuava por resolver, política e militarmente, e não conseguindo inverter uma conjuntura de crescente de descontentamento popular contra o aumento do custo de vida, provocado pela crise dos inícios dos anos 70, pelo choque petrolífero e pela despesa com a guerra; de insatisfação do setor empresarial moderno já descrente no marcelismo e desejoso de aproximação à Europa comunitária e que defendia que só a democratização traria o progresso; e pela intensificação da violência levada a cabo pelos movimentos clandestinos armados.-----

É o Movimento das Forças Armadas, natural evolução do inicialmente corporativo «Movimento dos Capitães», que organiza e executa a ação militar que imediatamente congrega a grande maioria da população portuguesa, cansada da pobreza, da censura, da guerra, enfim, da ditadura, e que aclama, logo nesse dia, nas ruas, a pacífica e nacional «Revolução dos Cravos».-----



Ora, é precisamente a adesão pacífica da população ao ato revolucionário dos agora chamados «Capitães de abril» que constitui um poderoso estímulo para que se inicie o processo de desmantelamento do regime deposto, previsto no programa do Movimento das Forças Armadas, a fim de garantir a normalização (governativa, social, económica) tão brevemente quanto possível - para isso foram destituídos o Presidente da República e o Presidente do Governo, dissolvidos a Assembleia Nacional e o Conselho de Estado, revogada a Constituição de 1933, extintas a PIDE, a censura e a Legião Portuguesa, bem como todas as organizações políticas de propaganda e de arregimentação do regime, libertados os presos políticos, nomeado um Governo Provisório e iniciado o processo de preparação de eleições livres para eleger uma Assembleia Constituinte...-----
Sendo isto o que, fundamentalmente, comemoramos, talvez valha a pena agora, e muito brevemente, considerar porque e como o fazemos.-----
Porque comemoramos - A LEMBRANÇA.-----
Acredito no postulado segundo o qual a principal conquista da revolução de abril de 1974 foi a institucionalização do Estado de Direito (porque resolve os seus conflitos de acordo com o Direito, em respeito pela dignidade da pessoa humana e pelas regras da ponderação, da adequação e da proporcionalidade) e Democrático (porque está assente na vontade popular e no respeito pelo pluralismo).-----
Assim, um país globalmente pobre, muito pouco desenvolvido face à Europa Central e do Norte, amordaçado pela censura e sem conseguir resolver a questão colonial que o exauria de alguns dos seus melhores recursos humanos e materiais (para além dos que emigravam...), ousou acreditar que era possível Democratizar, Descolonizar e Desenvolver.-----
Minhas Caras e Caros companheiros de Sessão.-----
Hoje de manhã, ao escolhermos estar aqui, lembramos, sobretudo, a Democracia - do grego «demos», povo, o qual detém o poder soberano sobre os poderes legislativo, executivo e judicial, exercidos em nome de todos os cidadãos pelos seus representantes livremente eleitos, os quais devem ser o garante da liberdade humana (de pensamento, de expressão, de proteção, de participação plena na vida política, económica e cultural da sociedade).-----
Qualquer sociedade democrática, está, assim, por imperativo ideológico, baseada em valores (como o da tolerância, da cooperação, do compromisso, por exemplo), os quais, pela extrema dificuldade ou mesmo impossibilidade, nalguns casos, na sua concretização, levam a um aumento das incertezas, desconfianças, azedumes



inultrapassáveis, corrupção infelizmente transversal à sociedade, a mesma que, afinal, detém a chave de (tudo?) poder resolver.-----

Mahatma Gandhi disse que «a intolerância é em si uma forma de violência e um obstáculo ao desenvolvimento do verdadeiro espírito democrático».-----

Ora, se a Democracia, embora com todas as suas imperfeições e insuficiências, está definitivamente consolidada no subconsciente coletivo, é a análise sobre o Desenvolvimento que tem merecido especial atenção nos últimos anos, valorizando uns sobretudo o que os últimos 40 anos possibilitaram ao nível dos progressos notáveis na economia (apesar dos três pedidos de assistência internacional), na educação (em 1974 mais de um terço da população era analfabeta e apenas 1,6% frequentava o ensino médio ou superior) e na Saúde (com o aumento, por exemplo, da longevidade e da qualidade de vida e a diminuição acentuada da mortalidade infantil); chamando a atenção outros para o facto de a corrupção, a pobreza e as desigualdades não terem sido ainda combatidas com a seriedade e eficácia necessárias.-----

Lembramos também hoje a Descolonização (efetuada talvez em circunstâncias em que o tempo e a abrangência traíram as expectativas e conduziram a erros que motivaram enormes tragédias individuais e coletivas, não estando, ainda hoje, no meu humilde entendimento, fechado este dossier), pelo que o «Programa dos três D» (Democratizar, Descolonizar, Desenvolver), o qual, como vimos, norteou este processo histórico revolucionário, era ambicioso mas marcado por profundas divergências sobre a ação a empreender, sobretudo, portanto, no que diz respeito à descolonização, dentro e fora do próprio Movimento das Forças Armadas.-----

Como comemoramos - A FESTA.-----

A alegria contagiante manifestada nas ruas das principais cidades portuguesas, há 40 anos atrás, anunciada pela gaviota que «voava, voava, asas de vento, coração de mar», baseava-se na certeza de que, «como ela, somos livres, somos livres de voar»...-----

Festejemos, hoje, formal ou informalmente, executando um instrumento musical ou ouvindo, festejemos escrevendo ou lendo, um poema ou um artigo de jornal, festejemos cantando ou ouvindo cantar, festejemos protestando ou aplaudindo, festejemos através da palavra ou em silêncio, festejemos passeando na praia ou no campo ou mesmo em casa, individual ou coletivamente, festejemos em liberdade a Liberdade. Winston Churchill disse que «todas as grandes coisas são simples; e muitas podem ser expressas numa só palavra: liberdade».-----



Finalmente, para quê comemoramos - A MEMÓRIA FUTURA...-----
Há 40 anos atrás, um grupo de jovens (Salgueiro Maia tinha à data 29 anos...) ousou, planeou, executou.-----
A lição que retiramos deste Património cuja titularidade é do povo português obriga-nos a olhar o futuro: ousemos, assim, duvidar de velhas e gastas receitas e de modelos ultrapassados, empreendamos uma cultura de planificação da nossa atividade, e sejamos capazes, sabiamente, de pedir a Deus a capacidade de executar coisas fortes e belas.-----
Como ensinou Torga:-----
«Recomeça... Se puderes -----
Sem angústia E sem pressa.-----
E os passos que deres,-----
Nesse caminho duro do futuro-----
Dá-os em liberdade.-----
Enquanto não alcances-----
Não descanses.-----
De nenhum fruto queiras só metade.-----
E, nunca saciado,-----
Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.-----
Sempre a sonhar e vendo o logro da aventura.-----
És homem, não te esqueças!-----
Só é tua a loucura onde, com lucidez, te reconheças...»."-----
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra á deputada Margarida Pinto Cunha.-----
MARGARIDA PINTO CUNHA: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Exm.º Representante da Associação 25 de Abril, Prezados Membros da Assembleia Municipal, Senhoras e Senhores.-----
Comemoramos, hoje, 40 anos da revolução do 25 de Abril.-----
E o que me suscita de imediato esta data? Liberdade primeiro que tudo! Mas também a paz, o pão, a habitação, saúde, educação, que roubo hoje de um estribilho de uma canção da época, de Sérgio Godinho.-----
Invejo não ter sido então nascida para poder ter vivido esse momento mágico que me contaram familiares, amigos e em especial o meu pai, de restituição da liberdade e da alegria a um povo oprimido que saiu para as ruas com cravos, canções e uma felicidade transbordante...«as portas que abril abriu», como dizia o



poeta Ary dos Santos!-----

As portas que abril abriu, sem violência, nem derramamentos de sangue. La revolucion de los clavellos como lhe chamaram nuestros hermanos, traduzida em todo o simbolismo pacífico da imagem da G3 com o cravo na ponta que correu mundo e fará para sempre parte do imaginário de muitos e do meu também.-----

As portas que abril abriu, «Depois do Adeus» cantado nesse 25 de abril várias vezes na antiga Emissora Nacional, pelo Paulo de Carvalho que, nem de propósito, logo à noite, comemorará esta datem com os felizardos que puderem ir ao Casino!- Como devem ter sido bonitos esses tempos de esperança e alegria abertos por abril, a ponto do grande Gabriel Garcia Marquez agora falecido, ter escrito que os portugueses andavam tão felizes que se esqueciam de respeitar os semáforos...ou de Chico Buarque ter cantado que *queria estar na festa pá*.-----

Porém não foi só a liberdade que os capitães de abril, nos ofereceram... com eles veio a alfabetização, o saneamento, a água e luz para muitos lugares recônditos, a baixa da mortalidade infantil, e muitas outras das aquisições a que muito justamente se chamaram as conquistas de abril, hoje em dia em sério risco, como sabemos.-----

Quem se lembra do país pobre, sombrio e inculto que éramos nessa altura? Hoje achamos natural ter água e luz em todo o país, universidade para os nossos filhos, creches, saneamento, autoestradas, chegar em 3 a 4 horas ao algarve, quando se levava quase um dia. Hoje não lamentamos a falta de ambulâncias mas discutimos se o INEM chega ou não em minutos... tanto, tanto que se fez e levou este país na senda do progresso até ao que hoje somos e que não é, de todo, aquilo em que nos querem fazer acreditar.-----

No entanto o momento é de crise, já o sabemos, aqui e em toda a parte, crise generalizada. Não adianta escamoteá-lo ou ignorá-lo. Por isso se exige um esforço acrescido de adaptação às novas realidades nacionais e internacionais.-- Tal não se confina ao povo e aos cidadãos mas estende-se e mais ainda, responsabiliza, todos nós que temos um mandato público, de quem se espera autenticidade, verdade e honestidade.-----

No nosso caso devemos ser exigentes no acompanhamento de uma gestão autárquica mobilizadora do desenvolvimento do nosso Concelho.-----

É importante que apresentemos propostas para a melhoria da Qualidade de Vida dos cidadãos e que estimulemos uma maior participação de todos na vida coletiva.----

Só assim, acentuando esta consciência cívica e incentivando a cidadania, não



defraudaremos as expectativas dos que nos emprestaram o seu voto e a sua confiança para os representarmos neste órgão democrático do Poder Autárquico.--- Temos consciência que a situação financeira do Município, hoje muito mais estabilizada do que quando começámos, teima todavia em dificultar a vida diária da atividade municipal.-----

Impõe-se por isso eficácia nas ações, responsabilidade nas propostas, rigoroso controlo dos custos, seriedade e probidade acima de tudo.-----

Deve somar-se ao muito que já foi feito por este Executivo Municipal um impulso extra de vontades e contributos, com uma visão estratégica para o futuro. No turismo, afastando-o da sazonalidade viciante com uma sólida aposta em subsectores como o surf, na manutenção e desenvolvimento da atividade industrial tão estruturante para o Concelho, na melhoria e diversificação do comércio e na inversão do padrão demográfico dos últimos anos, caminhos afinal que têm vindo a ser percorridos.-----

É importante credibilizar o Município, reforçar a sua voz nas instâncias superiores de decisão e arrastar os figueirenses numa onda positiva de entusiasmo e confiança no futuro.-----

É indispensável, pois, manter o rumo para a Figueira da Foz! Que deve ser reafirmado nesta data tão propícia à reflexão e ao debate.-----

Pretendemos relembrar aqui as nossas responsabilidades democráticas, repartidas na proporção diferente das respetivas funções e o imperativo cívico de fazermos mais e melhor pela vida comum dos cidadãos que nos elegeram.-----

Importa que as virtualidades da Democracia sejam sentidas por todos, nomeadamente, quando são criadas e usufruídas as condições do exercício livre da cidadania.-----

Os eleitos do Partido Socialista nesta Assembleia Municipal tudo farão para o cumprir!-----

Nestes tempos tao árduos desistir é palavra vã.-----

Bem ao contrário é essencial continuar a lutar com a garra que os capitães nos trouxeram, alimentando com a liberdade a vermelha esperança dos cravos, para que as portas que abril abriu, como disse o poeta, continuem escancaradas, não limitando o progresso e permitindo que a felicidade possa entrar finalmente em casa de todos os portugueses.-----

VIVA A LIBERDADE!-----

VIVA o 25 de ABRIL!-----



VIVA A FIGUEIRA DA FOZ!-----

VIVA PORTUGAL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Exm.ªs Autoridades Civas, Militares e Religiosas presentes, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Quiaense, Senhores elementos do Coral David de Sousa, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Quero começar por exprimir o enorme orgulho que sinto ao poder viver as celebrações do 40.º aniversário do 25 de Abril nas funções de Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz.-----

De Presidente da Câmara eleito e não nomeado, resultado da expressão da vontade popular e não do arbítrio do governo central. É esse, entre outros, um dos mais significativos adquiridos que a revolução de abril nos legou. O poder local livre, autónomo e democrático que hoje também celebramos. -----

40 anos é um período de tempo suficientemente longo para ter grande relevância na história do nosso país. O domínio filipino durou pouco mais e a 1ª República ou a guerra colonial até duraram menos e foram bem significativos. O 25 de abril forma, a par com o esperançoso mas malgrado 5 de Outubro de 1910 e o infeliz 28 de maio de 1926, o elenco das grandes datas do nosso séc. XX. Para nós, que o vivemos ou que dele somos beneficiários, o 25 de Abril é o grande marco da nossa vida coletiva.-----

O que gostava hoje de vos propor é uma reflexão sobre que sentido pode ter, nos dias de hoje, a expressão «25 de Abril sempre» que alguém colocou as margens da barra do nosso porto. Qual é a lógica desse apelo e que exigência cívica impõe esse grito de evocação de uma data? Trata-se de um acenar saudosista a uma data memorável ou temos de lhe dar a dimensão de edificação de um futuro melhor? Que tipo de cidadãos são exigidos pela permanente construção democrática? Que riscos corre a nossa democracia? Que perigos espreitam por trás da demagogia e do populismo? É em torno destas questões que gostava de dizer alguma coisa.-----

Sigo, nestas breves reflexões que vos proponho neste aniversário, as pistas deixadas por Rob Riemen, um pensador holandês que viu recentemente editado entre nós o seu ensaio «O eterno retorno do fascismo».-----

A primeira anotação que gostaria de deixar é que a democracia ou, se quisermos,



os sistemas políticos de inspiração liberal, têm um registo histórico, mesmo entre nós, de uma certa fragilidade. O sistema político de alargamento das liberdades concebido pelo nosso conterrâneo Manuel Fernandes Tomás foi rapidamente enfrentado pelo absolutismo e o modesto esforço de modernização dos costumes e de ilustração da população que a 1ª República levou a cabo soçobrou frente ao golpe de maio de 1926.-----

Na Europa continental, o panorama é ainda mais assustador. A República de Weimar na Alemanha ou a 2ª República Espanhola, para dar dois exemplos muito conhecidos, cederam face à investida dos totalitarismos.-----

A questão clássica que estes acontecimentos suscitam é a de saber porque é que, em certas circunstâncias históricas, parece haver uma qualquer pulsão que empurra as sociedades para os mais repressivos regimes. E nem falo, bem entendido, das zonas mais pobres do mundo. Refiro-me tão só ao nosso velho continente, aquele onde, mesmo com todas as contrariedades, é, desde o fim da 2ª Guerra Mundial, o espaço de maior respeito pelos direitos humanos, maior justiça social, paz e liberdade.-----

Reconhecendo-se que pode haver, nessa explicação, uma dimensão puramente económica - ligada a perdas de bem-estar, desemprego, etc - o ponto fulcral que desencadeia esses processos é, penso eu, o da alienação dos indivíduos. A adesão irracional à lógica das massas, a perda da individualidade e da capacidade crítica, a anulação do Homem como medida de todas as coisas, subjugado a um qualquer líder demagogo com um discurso salvífico. No fundo, a negação da liberdade.-----

Essa tentação - a da banalização do homem, a da adesão emotiva mas não espiritual a um qualquer grupo, a da aniquilação do mais sublime que o humano tem - espreita por todo o lado nos nossos dias. Na boçalidade de muita da programação televisiva, no discurso político cheio de palavras mas vazio de conteúdo, no lento desaparecimento dos livros, na substituição do convívio ameno e cordial pelo exclusivo das redes sociais.-----

Ora é justamente para o combate a essa vulgarização do humano que somos hoje, todos, convocados. Em nome da renovação do espírito de abril. Por um 25 de Abril sempre.-----

Que todos e cada um de nós, para lá das dificuldades económicas que atravessamos e que são, para muitos, aflitivas, consigamos ser um agente desse reerguer da profundidade do humano. Nessa batalha constante - que é um renovar de abril -



não por um homem novo (essas utopias foram mal sucedidas) mas de um homem melhor.-----

Mais centrado no aprofundamento da liberdade responsável, no aperfeiçoamento moral e espiritual, na busca pela cultura e pela ilustração. Esse é o apelo que deixo hoje. Sem prejuízo das questões do bem-estar material, esse é - julgo eu - o caminho que temos de trilhar para que o espírito refrescante e libertador da revolução de abril nunca se perca.-----

Aproveito também o ensejo para convosco partilhar algumas breves reflexões sobre a especial responsabilidade dos políticos em desempenho funções (e mesmo daqueles com funções cessadas) na batalha contra as ameaças que sobre a democracia pairam em permanência.-----

A perda, nos políticos, da profundidade da dimensão humana e a banalização de um discurso plastificado, orientado apenas para os seus efeitos mediáticos casam-se, não raro, com aquele que é sentido por muitos como o maior flagelo da nossa vida democrática: a corrupção.-----

É difícil dizer se, de facto, os níveis de corrupção aumentaram sob o regime democrático ou se o que há hoje é um muito maior escrutínio noticioso sobre a atuação dos políticos dos vários níveis e quadrantes e, conseqüentemente, a corrupção é hoje mais "visível".-----

Há ainda uma outra hipótese de leitura - mais benigna - que consiste em dizer que hoje a opinião pública é mais livre, mas também exigente e por isso menos indulgente com o fenómeno da corrupção.-----

Seja qual for a rigorosa verdade, o facto é que a perceção da existência de níveis elevados de corrupção tem efeitos devastadores na relação de confiança entre os representantes e os representados e coloca em crise o próprio sistema democrático. A perceção da existência de corrupção generalizada na esfera política coloca os agentes políticos todos ao mesmo nível, arrasando-lhes indiscriminadamente a reputação, fazendo aumentar a abstenção e dando aos cidadãos um sentimento de indiferença, quando não de desdém, pelo fenómeno político e, em geral, pela gestão da coisa pública.-----

Uma porta aberta para o mais nocivo niilismo político, em que cessa a capacidade ou a utilidade do debate sobre propostas

alternativas e onde pode medrar a demagogia de contornos redentores de um qualquer ditador providencial.-----

É por isso que cumpre nesta evocação fazer também um voto e um apelo ao retorno



ao valor do aprumo ético na ação política.-----
Trata-se aqui de recuperar para o discurso e para a prática política muitos das expressões que, infelizmente, dele se desprenderam há alguns anos: honradez, dignidade, verticalidade, integridade, prossecução estrita do interesse público. O discurso político encheu-se, nos últimos anos, de eufemismos e de expressões cheias de coisa nenhuma (em muitas casos tributárias do jargão dos documentos comunitários): sinergias, apostas, vetores, ajustamentos. Tudo agora é «estruturante» e «catalisador», tudo está cheio de «impactes» e de «resiliência», de «imparidades», de «good will» e de «branding». Parece até, aqui e além, que os que não se expressam nesses termos são figuras estranhas que não compreenderam bem o mundo contemporâneo. -----
É preciso, julgo eu, temperar toda essa fraseologia algo plástica e supérflua e recuperar o exemplo que alguns homens bons nos deram: o do cidadão que abnegadamente se entrega de alma e coração à causa pública não tendo outro fito que não seja o de servir o seu país ou a sua comunidade local. O Homem que serve honradamente os seus concidadãos, sem mácula, e é exemplo de virtude cívica mesmo quando se discorde das respetivas opções políticas.-----
Temos de resto, na história da nossa cidade, em particular nos alvares do séc. XX, mas até antes, múltiplos exemplos inspiradores.-----
Recolocar a política e os políticos na esfera da integridade e da virtude é fazer abril sempre.-----
Queria concluir esta minha intervenção referindo-me a outro tema.-----
A democracia representativa integra sempre uma dimensão conflitual. O contrário disso seria um absurdo. A competição entre propostas políticas rivais e a troca pública de argumentos é um elemento nuclear do jogo democrático.-----
Porém, conflitual e conflituoso não são sinónimos. A discussão em torno de propostas alternativas não se confunde com a permanente zaragata política. Além de ser duvidosa no plano estético, a zaragata política confunde os cidadãos e torna inconsequente a discussão não trazendo, por via de regra, qualquer luz ou esclarecimento relevante.-----
O combate à zaragata política depende, em primeiro lugar, do carácter dos protagonistas mas também da permanência no tempo de um conjunto sólido de compromissos o mais partilhado possível.-----
De resto, é esse conjunto de compromissos e a sua partilha entre o maior número possível de agentes que confere viabilidade à existência de políticas públicas



duradouras e estáveis. Aliás, os casos mais bem sucedidos na vida pública portuguesa são justamente aqueles em relação aos quais foi possível obter um acordo relativamente amplo que permitiu a continuidade do essencial das políticas. A adesão às comunidades europeias é talvez o mais significativo exemplo.-----

Ora, suponho que vivemos um tempo em que é preciso alargar, até aos limites do possível, o elenco desses compromissos partilhados. A mensagem da revolução de abril foi, a um só tempo, a de rutura com o passado mas também a da união face às dificuldades. A ideia do diálogo, da moderação, do bom senso e do consenso também renovam o legado do movimento dos capitães.-----

Sem me querer estender demasiado, não posso deixar de assinalar que é imperioso um esforço conjunto que possibilite o estabelecimento de plataformas duradouras e sólidas em torno da manutenção e, nalguns casos, do reforço, das políticas públicas orientadas para a justiça social, para a dotação de serviços condignos na área do chamado «Estado-Providência» e de instrumentos que permitam inverter a tendência demográfica que registamos.-----

A mensagem de abril também comporta esse elemento fundamental: a de que um mínimo de conforto material é a exigência básica que permite aos cidadãos comportarem-se como agentes morais. Distinguirem o bem do mal, a verdade da mentira, serem livres e felizes e fazerem livres e felizes os que os rodeiam.---
Viva a Figueira da Foz!-----

25 de Abril Sempre!!-----

Viva Portugal!!!”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: “Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas presentes, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Filarmónica Quiaense, Senhores elementos do Coral David de Sousa, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Depois de décadas de autoritarismo e ditadura é com emoção e comoção que recordamos para sempre o 25 de Abril de 1974, os «Construtores da Democracia e da Liberdade», «Os Capitães de abril», o «Movimento das Forças Armadas».-----

Há gente da minha gente, que a gente não esquece na história da gente.-----

Com o 25 de Abril de abril de 1974, iria acabar o Portugal:- Da Pide; - Do Exílio; - Das Prisões da Ditadura; - Do Poder Autoritário; - Da Censura; - Do



Portugal Isolado no Mundo...etc.-----

Para dar lugar ao Portugal: - Da Democracia; - Da Liberdade de Expressão; - Da Liberdade de Reunião e Associação; - Da Libertação de Presos Políticos; - Do Regresso dos Exilados; - Do Poder Local; - Da Escola Para Todos; - Do Nascimento de Novos Países; - Do Portugal na União Europeia...etc.-----

Nem tudo correu bem, pois aumentou a Corrupção, a Criminalidade, a Insegurança e o Desemprego, melhorando a Habitação, a Assistência Médica e a Educação, vá lá saber-se até quando...-----

Porque depois foi necessário uma “ajuda” eu diria um Garrote, que não só nos asfixia, como permite aos credores, humilharem um País e o seu humilde povo, sereno e trabalhador, propondo continuamente, cortes nos salários e nas pensões. Que RESGATE é este que nos dilacera o corpo e a alma, decretando a morte lenta para uns, mas acelerada para a grande maioria?-----

Que RESGATE é este que impede o aumento dos elementos do Agregado Familiar, por razões óbvias, ou sequer a ousadia dos mais novos pensarem a Paternidade? Onde se situa a Demografia?-----

Que RESGATE é este que permite a poucos que flutuem e a uns quantos, que regressem à casa dos pais, como último Porto de Abrigo?-----

Que RESGATE é este que deixa que muitos se afundem e aos restantes que sobrevivam, sim, mas no Limiar da Pobreza?-----

O Limiar da Pobreza que em 2011 era de 416 Euros, passou em 2012 a ser de 409 Euros. A conclusão é imediata, um humilde cidadão com o vencimento de 2011, seria um remediado em 2012. Chama-se a isto Envelhecer, Empobrecendo.-----

Dizem os entendidos, que estamos num “Ajustamento” que só terminará em 2030, quando a dívida chegar a 60% do PIB.-----

Até lá uns morrerão de fome ou sede, os outros, também morrerão, mas não é com fome de pão ou sede de água, mas porque lhes faltam razões de viver.-----

Deem-nos por favor uma palavra de esperança, façam-nos acreditar (YES WE CAN), digam-nos que o dia de amanhã será melhor que o dia de hoje.-----

Aos que dizem que Portugal está melhor, porque está na Rota do Crescimento, da Criação do Emprego, da Competitividade e do Combate à Exclusão Social, perguntamos nós, que Portugal é este que não o vemos?-----

Portugal são os Portugueses e os Portugueses não são uma abstração. Ousar dizer que Portugal está melhor só pode ser insensibilidade social, perante a dor dos que sofrem.-----



Cortes na Saúde, na Proteção Social, na Educação, podem não ser para alguns, um bicho de sete cabeças, mas será, seguramente, uma dificuldade acrescida ou intransponível para quem vive com as dificuldades decorrentes duma Estratégia de Pobreza, pelo Brutal Aumento de Impostos, dos cortes nos Ordenados, e nas Pensões. Portugal foi o País da OCDE onde os impostos mais subiram em 2013.-----
Recuperar a Economia e dar sentido aos Sacríficos, exige que os Portugueses (Políticos, Partidos e Parceiros Sociais) se unam ao redor das Grandes Reformas, que nos conduzam também, à diminuição das Assimetrias Sociais.-----
Inverter as tendências recessivas é possível, sim, mas com Experiência Política, Visão Estratégica, Conhecimento do País Real e Adequada Capacidade de Decisão.--
Relançar a Atividade Económica, apelando ao investimento, dizemos sim, é um Imperativo Nacional, desde que se aposte em contrapartidas de baixos Custos de Contexto para o Investidor ao invés de oferecer errada e correntemente, Baixos Custos de Mão de Obra/Ordenados.-----
Cargo Político não é prémio, mas sim compromisso, pelo que nos custa ver o voluntarismo de alguns políticos, subjugando-se sem qualquer pudor a interesses que nos são estranhos.-----
Até as Instituições Europeias, são hoje um instrumento de pressão, que os países credores manobram a seu belo prazer, para imporem as suas vontades aos países devedores. Com amigos destes, estamos conversados, não precisamos de ter inimigos.-----
Impõe-se a Portugal que tenha a OUSADIA de saber dizer não. Não por estarmos convictos de que com essa OUSADIA tudo acabe, mas, que possa ser o começo do fim da prepotência dos credores, pelo que neste contexto, me congratulo com o "Manifesto dos 74".-----
Que se atenuem a Austeridade, porque, como já hoje se percebeu, a Austeridade foi uma política dos bancos, para transformarem em poucos meses, uma crise da banca privada, numa crise do estado soberano. A Austeridade terá que abrandar, pelo que o foco da Política Orçamental terá que mudar, de forma a que «a composição do ajustamento» passe a apostar claramente na RETOMA.-----
Só a RETOMA reduzirá a dependência em medidas pelo lado das receitas -onde o nível dos impostos sejam muito elevados - afastando-se dos cortes indiscriminados na despesa pública.-----
Nos países onde as realidades orçamentais, exigem reduções na despesa pública, os cortes transversais devem ser evitados - pois tendem a afetar o crescimento



da economia no longo prazo, penalizando ainda mais os Grupos de Baixo Rendimento.-----

Por último, recordo aos Senhores Governantes, que as Maternidades, as Escolas e os Hospitais onde os Senhores Nasceram, Estudaram e se Trataram, sem custos para os Senhores Seus Pais, foram pagos pelos REFORMADOS e APOSENTADOS, que V. Ex. consideram como um CUSTO ECONÓMICO que é preciso Reduzir ou Eliminar.-----

Um País sem memória será sempre um País sem História.-----

Um opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos (Simone de Beauvoir).-----

A emigração em Portugal não é como em toda a parte, a transbordação de uma população que sobra; mas, a fuga duma população que sofre (Eça de Queiroz).-----

Cortes nos Ordenados, nas Pensões, nos Serviços Sociais (Educação e Saúde) foram feitos na hora... era a RETOMA, mas os cortes nas PPP, ou na Banca...diziam os governantes, vamos ver... para só agora admitirem mexer nas Gorduras do Estado.---

DEEM-NOS UMA PALAVRA DE ESPERANÇA, DIGAM-NOS QUE O DIA DE AMANHÃ SERÁ MELHOR QUE O DE HOJE (YES WE CAN).”-----

De seguida houve uma atuação do Coral David de Sousa alusiva ao evento e a Filarmónica da Sociedade Filarmónica Quiaense tocou o «Grândola Vila Morena» e o Hino da Cidade da Figueira da Foz.-----

E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram treze horas e trinta minutos, da qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----